



Participação do público em telejornais¹

Mariana de Novais BORGES²

Mary WEINSTEIN³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

Resumo

Nos telejornais, o telespectador deixou de ser apenas público, e passou a ter um espaço para participar da construção desses programas. Enviando vídeos, matérias ou sugerindo pautas, os telespectadores estão tendo mais voz e definem expectativas na programação. Este artigo tem o objetivo de analisar a forma como o telespectador participa deste processo e as mudanças ocorridas com a maior inclusão do público na construção dos telejornais.

Palavras-Chave: telejornalismo; participação; público.

Telejornais e público: Uma relação em transformação

Desde o início do telejornalismo brasileiro, nos anos 50, a participação popular consistia em apenas duas situações: assistir à programação e fornecer entrevistas quando se via envolvido em fatos noticiosos. Era, portanto, restrita a relação entre telejornal e telespectador.

Ao longo de pouco mais destas cinco décadas, esse relacionamento tem se modificado. Já se podem encontrar, com mais facilidade, exemplos de participação do público na construção dos telejornais. Um exemplo é o envio de vídeos feitos por cinegrafistas amadores em situações específicas como desastres naturais, nas quais equipes de jornalismo enfrentam muitas dificuldades para mostrar determinados ângulos do fato ocorrido, devido ao acesso difícil, isolamento de áreas atingidas ou imprevisibilidade do acontecimento.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social = Jornalismo da UESB, email: mariananovais@msn.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UESB, email: maryweinstein@gmail.com



Com a participação dos telespectadores em situações como essa, é notável uma maior quantidade de detalhes, já que a interação de mais pessoas tornou possível a obtenção de um volume maior de informações.

A partir dessa interação, os telejornais brasileiros possibilitam um acesso mais amplo da à informação e ao conhecimento. Essa relação mostra-se vantajosa para ambos, haja vista que, enquanto o telespectador obtém diversos níveis de conhecimento através do telejornal, este outro recebe dados e sugestões, e assim, oferece mais variedade de detalhes e notícias.

Qual o caráter da televisão? Reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea (Wolton apud MATA, 2010, p.66).

Segundo Wolton, a televisão é a ferramenta que une a população em torno de um único propósito: o de construir um telejornal que seja capaz de informar a todos, e oferecer conhecimento de forma simples e igualitária, de modo que toda a sociedade tenha voz e participação nessa atividade tão importante.

A partir da afirmação de Wolton, percebe-se que, mesmo antes da participação popular ser tão ativa, o telejornal sempre teve o objetivo de aproximar-se do público, e para isso utilizava alguns artifícios, como o hábito de cumprimentar o telespectador e a utilização de linguagem de fácil compreensão. Dessa maneira, o telespectador se sentia próximo dos apresentadores, e, enquanto isso, recebia as informações de forma simples e rápida. Assim, nota-se que o conhecimento sobre os acontecimentos era passado de forma mais igualitária, já que a transmissão das notícias pelos telejornais não discrimina quem vai receber as informações.

Com a crescente participação do público no decorrer dos anos, o processo de circulação de conhecimento se tornou cada vez mais democrático, graças à interação entre informantes e informados, e também entre o próprio público.

Essa transformação de todos os grupos em públicos exprime-se por uma necessidade crescente de sociabilidade que torna imperiosa a comunicação regular dos associados através de uma corrente contínua de informações e excitações comuns (TARDE, 2005, p. 23).



Assim é que mesmo antes de haver uma interação mais fluida entre público e os meios de comunicação, havia, dentro da concepção de público, uma rede pactuada de troca de opiniões.

As mudanças na participação pública nos telejornais brasileiros

A chegada da televisão foi um marco na história do Brasil. Uma realização ousada, feita por Assis Chateaubriand em 1950, que trouxe para o país duzentos 200 aparelhos de televisão contrabandeados. Chateaubriand trouxe também 30 toneladas de equipamentos, para montar sua TV Tupi, que foi a primeira emissora de TV do país⁴.

Em setembro do mesmo ano, o primeiro telejornal brasileiro foi ao ar. Comandado por Maurício Loureiro Gama, o jornal *Imagens do Dia* era muito diferente dos padrões de telejornalismo contemporâneos. O jornal apresentava apenas imagens brutas, que apareciam simultaneamente à narração de Maurício, contando apenas os principais fatos, sem muitos detalhes. Em determinados momentos, imagem e narração apresentavam coisas diferentes.

A maior emissora do país, a Globo, só foi criada anos mais tarde, com o apoio do grupo americano Time Life. Em 1969, quatro anos após sua estréia, foi ao ar a primeira transmissão do Jornal Nacional, o primeiro telejornal da emissora, e que é até hoje o maior detentor da audiência nacional, com média de 30 pontos.⁵ Além dos equipamentos trazidos dos Estados Unidos, a Globo também adotou o padrão americano de jornalismo, trazendo um diferencial para a época. Mesmo passados mais de 50 anos, o Jornal Nacional ainda é considerado como padrão de qualidade do país, e é tomado como modelo por outros telejornais brasileiros.

Durante a década de 50, no início da televisão brasileira, a participação popular era reduzida. A relação público/telejornal resumia-se apenas aos cumprimentos dos apresentadores ao público e da audiência crescente que recebia da população.

Já nos anos 60, essa relação sofreu muitas mudanças. Com a instalação da ditadura militar, o conteúdo veiculado pelos telejornais era profundamente censurado, escondendo do público os acontecimentos que o governo não permitia exhibir, além da manipulação de palavras proibidas pelo órgão de censura que fiscalizava a mídia. Nessa

⁴ Ver: JUNQUEIRA, Isabela. A TV, quem diria, faz 50 anos. Disponível em <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/abr00/memoria.asp>

⁵ Fonte: <http://blog.jovempan.uol.com.br/parabolica/telejornais-comecam-2013-sem-forca-para-recuperar-audiencia-perdida-no-ano-passado/>



época, a linguagem utilizada era empregada com muita cautela, e a manipulação de matérias era constante. A repreensão de movimentos contra a ditadura, anúncios de sequestros e assaltos realizados por manifestantes eram temas recorrentes. Foi um período de tensão no telejornalismo nacional, e de afastamento da participação pública. Anos depois, no fim da década de 80 e fim da ditadura militar, o público voltou a participar mais ativamente, como personagem de reportagens. A partir desse momento, a relação entre população e telejornal só se tornou mais estreita. Com a popularização da internet e o avanço de novas tecnologias de comunicação, a população tornava-se mais que mera personagem. Desde então, o público passou a ter mais espaço dentro dos telejornais, enviando sua opinião sobre matérias às emissoras, dando sugestões de pautas e informando sobre acontecimentos.

Na última década, surgiram oportunidades de interação na TV regional. Além de quadros de cunho social, que apelam para a emoção, como *Desaparecidos*, alguns telejornais passaram a exibir programas em que os próprios telespectadores enviam vídeos. Atualmente, na TV Sudoeste, afiliada da Rede Bahia, que integra a Rede Globo, há uma significativa participação do público por envio de imagens, das quais cerca de 20% são aproveitadas nos telejornais.

Assim, progressivamente, aos avanços da tecnologia, a comunicação entre público e telejornais é mais pavimentada. As emissoras têm buscado utilizar ferramentas oferecidas pela tecnologia, visando a aproximação do público.

As teorias e a participação popular

Contrariando a superada teoria do espelho, a qual defendia que as notícias são o reflexo da realidade, teorias construcionistas, como o *newsmaking*, apresentam as matérias como construções, e não apenas meros relatos, desprovidos de posicionamento, conforme Águeda Miranda e Alfredo Vizeu.

O jornalismo contribui para a construção social da realidade e não é um espelho do real. Ou seja, o Jornalismo não reproduz o real, é uma interpretação social dele que procura se aproximar da verdade dos fatos. (MIRANDA; VIZEU, 2012, p.1)

Segundo Traquina (2012), é impossível fazer a distinção entre a realidade e os media noticiosos que devem mostrar essa “realidade”, porque as notícias fazem parte do processo de construção da própria realidade. Traquina afirma, também, que a linguagem



não pode ser usada como transmissora para construir uma notícia que seja apenas o relato da realidade, já que a própria linguagem neutral é impossível (TRAQUINA, 2012, p.170).

Mesmo para os jornalistas profissionais, produzir uma notícia com neutralidade é um desafio. Para relatos de telespectadores, a situação se torna ainda mais complicada. O entrevistado ou o telespectador que está participando da notícia sempre vai ter um posicionamento em uma determinada situação. Dessa forma, a teoria do espelho se prova como sem aplicação mais uma vez.

Com a participação popular na construção dos telejornais, o telespectador se envolve e através da atuação dele como personagem – jornalisticamente, esta é a expressão utilizada - acontece a realidade.

Com os relatos de entrevistados, as notícias são construídas, da forma mais equilibrada possível – este é o desafio. No entanto, cada personagem da “história” acaba por emitir sua opinião mesclada com os detalhes do acontecimento narrado, já que, como mencionou Traquina (2012), a linguagem empregada nunca é totalmente neutra.

O fenômeno mais impressionante no jornalismo ocidental, tanto na práxis como na teoria, é a fê metafísica obstinada e conservadora de que a linguagem é transparente. Ou, de outra forma: o erro assenta na recusa dos jornalistas, mas também dos estudantes de jornalismo, em situar a profissão onde esta pertence, isso é, no contexto de expressão humana da atividade expressiva. É a recusa em lidar com a escrita das notícias por aquilo que é na sua essência – contar histórias (ROEH apud Traquina, 2012, p. 172).

Dentro do escopo das teorias construcionistas, estão a teoria estruturalista e a interacionista. Ambas as teorias definem que as notícias são construídas através de interação social, entre os jornalistas e as fontes, sejam elas a sociedade em geral, o telespectador ou outros jornalistas. Sendo assim, as notícias são consideradas como narrativas.

Na perspectiva do paradigma construtivista, embora sendo índice do “real”, as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? O que? Onde? Quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade. (CAREY apud TRAQUINA, 2012, p. 175-176)

Apesar do fato de que as duas teorias tratam sobre a relação entre jornalistas e fontes, há de ser observada uma diferença importante entre elas. A teoria estruturalista define que



a forma como a comunidade jornalística se organiza favorece as fontes oficiais por sua credibilidade e rapidez, colaborando assim para a manutenção da estrutura política e sócio-econômica. Enquanto isso, a tese interacionista embora observe a presença e o papel das fontes oficiais, afirma que este processo não é automático. De acordo com essa teoria, trata-se de uma busca dos jornalistas por vantagem, onde “vence” a fonte que oferecer maior velocidade e credibilidade.

Mesmo com a discordância entre os processos de seleção das fontes, as duas teorias confirmam a necessidade da interação social para a construção das notícias, observando-se a total rejeição da teoria do espelho. Além disso, a linguagem é utilizada como transmissora, impedindo a neutralidade defendida pelos jornalistas e pela teoria do espelho.

Essa interação entre público e jornalistas pode trazer ainda uma série de consequências, como alterações constantes na sociedade, e a utilização das notícias como forma de comunicação de autoridades para a população (e vice-versa).

Para os estudiosos de teorias da comunicação, e defensores das teorias construcionistas, a participação popular na construção de notícias é uma questão imprescindível, pois o público é uma peça chave na montagem dos relatos, fornecendo detalhes, posições e agregando credibilidade à notícia.

A participação popular na rotina dos telejornais

Como forma de facilitar a aproximação do público para a construção dos telejornais, as emissoras de tv estão utilizando os mais diversos meios de comunicação para a interação como o público. Na imagem acima, reproduzida do site da Rede Globo, a emissora criou um canal de comunicação direta, onde os telespectadores podem enviar fotos e vídeos anexados a relatos do acontecimento. Dessa maneira, o público participa direta e ativamente da rotina dos telejornais e conseqüentemente facilita o trabalho dos jornalistas, já que o processo de busca pelos acontecimentos do momento é reduzido ao mínimo.

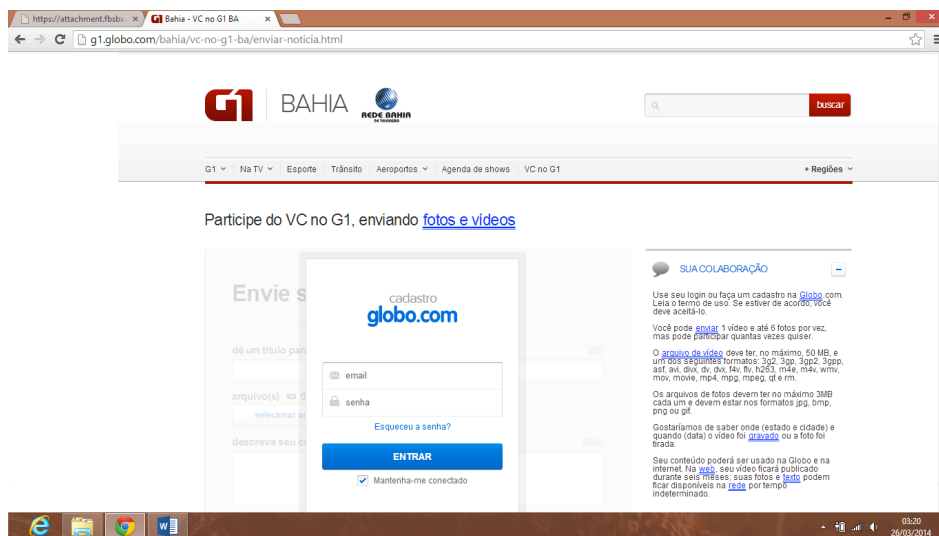
Esse processo de interação não significa que o relato enviado pelo público tenha acesso garantido no telejornal. O processo de seleção por ordem de importância e a escolha das informações mais interessantes ainda acontece, assim como a edição de imagens, que, mesmo que de forma sutil, é realizada para apresentar ao público final notícias com melhor padrão estético, sem modificar o sentido das imagens.



Para aproximar-se ainda mais do público, as emissoras abriram outros canais de comunicação, como o uso de redes sociais e telefones, permitindo que o público emita opiniões e faça sugestões sobre a programação.

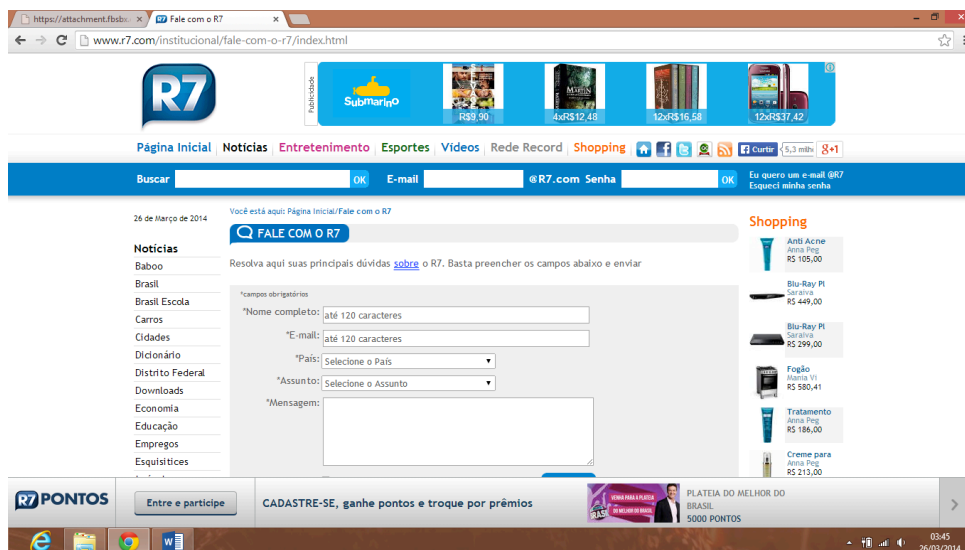
Esse processo de comunicação entre informantes e informados implica ainda na transformação do padrão de notícias. Isso ocorre devido à busca pela maior aproximação do público, e, para que isso ocorra, as emissoras estão sempre buscando formas de se comunicar e de sondar a opinião dos telespectadores, e assim, garantindo telejornais mais satisfatórios e níveis de audiência mais elevados.

Figura 1: Site do G1



Fonte: <http://g1.globo.com/bahia/vc-no-g1-ba/enviar-noticia.html> Acesso em 26 de março de 2014.

Figura 2: Site do R7



Fonte: <http://www.r7.com/institucional/fale-com-o-r7/index.html> Acesso em 26 de março de 2014.

Figura 3: Site do SBT



Fonte: < <http://www.sbt.com.br/jornalismo/opniao/>> Acesso em 01 de abril de 2014.

Considerações Finais

Após analisar a participação do público na formação dos telejornais e seu envolvimento nas teorias construcionistas, observa-se que essa relação interativa entre o telespectador e o telejornal é um fator de extrema importância para a construção desse tipo de programa, já que, com o passar dos tempos, esse relacionamento trouxe alterações benéficas para sua estrutura.

Além da colaboração mútua entre ambas as partes, através da troca de informações, a colaboração popular leva às notícias mais credibilidade, porque, quando são envolvidos em sua montagem, funcionam como personagens e testemunhas de um fato. Inevitavelmente, a presença de personagens que comprovem a “narrativa” relatada leva ao telespectador uma noção maior de verdade, porque pessoas semelhantes à população estão envolvidas e testemunhando determinado acontecimento.

Mesmo que, segundo a teoria estruturalista, a participação predominante seja a de autoridades e fontes oficiais, garantindo a manutenção da estrutura social, a aderência desses personagens à estória reforça a veracidade dos fatos e leva mais dados importantes para a montagem da matéria.

A principal razão pela qual a participação popular é considerada como imprescindível para a construção dos telejornais é sua presença obrigatória nas teorias construcionistas,



que definem que a participação da sociedade é um elemento vital para a montagem da notícia.

A partir disso, nota-se que a interação do público com os telejornais é importante tanto para a teoria quanto para a prática, além de ser uma ocorrência constante e cada vez maior. Esse tipo de interação tem se consolidado na construção de telejornais mais próximos ao telespectador, recebendo cada vez mais espaço e voz nesses programas. Assim também acontece a distribuição cada vez mais igualitária e democrática, já que a mídia televisiva é um dos meios de comunicação mais abrangentes e de maior alcance da população.

Referências bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; Lima, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2002 – 3º reimpressão.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: Da Forma Ao Sentido**. 2ª ed. Brasília, DF: Editora UNB, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 3ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2012. Volume 1.

WEINSTEIN, Mary. **Performance no telejornalismo – suas características – aspectos gestuais e vocais da representação cotidiana (na Bahia)**. Dissertação defendida no PPGAC, Ufba, 2002

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Tradução por: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Tradução de Teorie delle Comunicazioni di Massa. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

AMORIM, Edgard Ribeiro de. **TV Brasil ano 50**. Disponível em <http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/intro.htm> Acesso em 16 de março de 2014.

CABRAL, Águeda Miranda; VIZEU, Alfredo. **O construtivismo no telejornalismo e a realidade expandida: mudanças nas rotinas de edição e produção de sentidos nas notícias**. Disponível em http://jornalismocontemporaneo.files.wordpress.com/2012/11/cabral_vizeu_sbpjor_2012.pdf Acesso em 16 de março de 2014.

COLETA, Silvana. **Teorias do Jornalismo – Aula #**. Disponível em: http://jornalismoufg.blogspot.com.br/2013/06/teorias-do-jornalismo-aula_25.html Acesso em 20 de março de 2014.

JUNQUEIRA, Isabela. **A TV, quem diria, faz 50 anos**. Disponível em <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/abr00/memoria.asp> Acesso em 15 de março de 2014.

MARTINS, Lucas. **O primeiro telejornal brasileiro**. Disponível em <http://www.tvediversao.com/2011/07/o-primeiro-telejornal-brasileiro.html> Acesso em 16 de março de 2014.



MATA, Jhonatan; COUTINHO, Iluska (2010), “Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena”. *Revista FAMECOS*. 1 (17). 65-73. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6881/5011>> Acesso em 09 de março de 2014.